

KOHAN, Walter Omar. **Infância. Entre a Educação e a Filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Dante Diniz Bessa

O livro de Kohan torna acessível a quem se interessa pelas temáticas da infância, da educação, da filosofia e de seu ensino a tese defendida pelo autor no concurso para professor titular de filosofia da educação na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, realizado em maio de 2002, em que ele se coloca na posição de pensar as relações entre os três conceitos, desde o campo da Filosofia da Educação.

Num momento em que se faz apologia do pensar, do pensar crítico e criativo em diversos discursos pedagógicos, que se tornam quase homogêneos quanto a isso, a tese de Kohan procura mostrar as incoerências e aporias educativas presentes nas experiências institucionais com ensino e com o pensar a educação, referentes à finalidade emancipadora pretendida por esses discursos, oferecendo alternativa para as duas situações, que não podem ser tratadas separadamente.

No que segue, aceitarei a sugestão de Kohan, seguindo os sinais de Deleuze e Guattari, de que “*entender um filósofo comporta compreender os problemas que esse filósofo traçou e os conceitos que criou para tentar resolver tais problemas*” (Kohan, 2003, p. 27), para interpretar o livro. Vejamos.

1 O problema colocado por Kohan

Uma rápida inversão na ordem da leitura pode nos remeter ao problema de fundo colocado por Kohan e pensado ao logo de toda a escrita. No epílogo, o problema que aparece é político e diz respeito, sobretudo, à questão da emancipação, como o próprio título já dá sinais: *Da maioria à minoria*. Uma tentativa de inverter o problema da emancipação, invertendo as relações entre adultez e infância.

Kohan entende que tradicionalmente (na história da filosofia e da pedagogia, especialmente a partir do movimento iluminista) os ideais de emancipação têm atribuído um valor negativo à experiência da infância, ao projetar a emancipação na maioria (só nos tornamos adultos quando nos emancipamos da infância).

Assim, os conceitos de infância, filosofia e educação e suas interfaces são pensados numa perspectiva política, com vistas a transformar as relações que guardamos com a infância no âmbito educativo. O autor entende que essa transformação passa por uma inversão valorativa acerca da experiência da infância, para dar-lhe um valor afirmativo.

A partir do problema de fundo da emancipação, então, Kohan traça um plano para inverter o conceito de infância e nossas relações com ela, tendo como *meio* a filosofia e a educação, perseguindo uma possibilidade de transformação, de

ruptura com o modo como temos nos relacionado com ela na experiência filosófica e na experiência educativa.

2 O plano traçado por Kohan

Para dar conta dessa inversão de valores, Kohan se vale de “*pensamentos que sirvam de material histórico para pensar o presente*” (p. 62), isto é, parte de saberes que constituem verdades históricas e acadêmicas nas quais estamos instalados e com as quais estamos comprometidos, problematizando a temática a partir da experiência do exercício filosófico com crianças^[1] em dois sentidos: um sentido amplo que se refere ao pensamento hegemônico acerca da infância na filosofia da educação (o material histórico) e um sentido específico que diz respeito às possibilidades educacionais da filosofia com crianças (o presente sendo pensado).

Diante disso é possível dizer que o autor coloca em cena pelo menos duas das maneiras pelas quais a filosofia encontra a educação: pelo seu ensino (a prática educativa) e pela busca de sentidos da educação (filosofia da educação). Uma e outra maneira não podem ser dissociadas: aqueles que se comprometem com o ensino de filosofia, em quaisquer níveis, estão na condição de pensar o sentido daquilo que experienciam (seja a experiência do ensino, seja a experiência do filosofar; seja a experiência individual, seja a experiência coletiva).

Para criar o cenário do encontro, Kohan coloca um *entre* a filosofia e a educação: *a infância*.

A infância aparece, então, como tema principal do livro sob dois aspectos: é sobre o que se vai pensar (problematização em torno do conceito de infância a partir da filosofia da educação) e o que pensa (a experiência do pensamento na infância), sem que isso se traduza em método.

Assim, Kohan divide o livro em duas partes. Na primeira, intitulada *Filosofias Clássicas da Infância*, ele procura mostrar como a infância tem sido pensada/educada na história da filosofia e da pedagogia, ao pôr em cena alguns personagens que a tratam como futuro adulto, negando-a como experiência. É a educação da infância pela filosofia.

Na segunda parte, *A infância educa a filosofia*, põe em cena outros personagens para trazer elementos históricos que favoreçam a desconstrução daquele conceito negativo, abrindo espaço para um conceito afirmativo da experiência da infância - a inversão de sentido e de valor pretendida. É a educação da filosofia pela infância.

Por último, no epílogo, Kohan faz falar outros personagens, para propor uma política emancipatória da infância, fundamentando o conceito de infância construído na segunda parte.

3 Os personagens conceituais e os conceitos na escrita de Kohan

Afora os personagens anônimos e nomeados da experiência individual e coletiva com o projeto “Filosofia na Escola”, Kohan faz participar da experiência da escrita alguns personagens históricos. Vejamos.

3.1 Os personagens da valoração negativa da infância

Platão (o antigo), a modernidade, Matew Lipman (o contemporâneo) são os personagens da primeira parte do livro, através dos quais o autor apresenta duas formas consolidadas de se relacionar com a infância na cultura ocidental, cujos efeitos negativos em relação à emancipação estão presentes na filosofia e na educação contemporâneas.

A primeira, criada na antiguidade por Platão diz que a infância não tem valor em si, senão como matéria prima a ser transformada conforme fins políticos: o desejo de Platão de revitalizar a polis a partir de uma educação que possa selecionar os indivíduos cuja natureza os coloca na condição de assumir funções públicas específicas.

A outra, inventada na modernidade, diz respeito aos dispositivos e instituições sociais que fazem da educação da infância uma questão do Estado.

Kohan deseja fazer entender, a partir desse personagem, que num certo momento da história houve a intensificação do sentimento pela infância, tanto na vida privada (Ariès), como na vida institucional (Foucault). Essa atenção que se passa a dar às crianças, contudo, se traduziu em formas de controle e disciplina, especialmente na escola, instituição social *para* as crianças por excelência, em que se produz subjetividades através de processos de disciplinarização cognitiva, moral e política, baseados num pretenso conhecimento objetivo, para que elas se tornem, no futuro, dóceis cidadãos (pertencentes ao Estado).

Com o terceiro personagem, Lipman, Kohan inicia o deslocamento em direção ao ensino de filosofia. Ele analisa o programa de Lipman, “Filosofia [para](#) [2] Crianças”, indicando que esse programa não consegue contornar aquelas duas formas consolidadas de se relacionar com a infância acima mencionadas: é um programa que nega a infância em si, para discipliná-la conforme a valores da ordem vigente; propõe uma educação tradicional, fundamentada na idéia de modelo; concebe a filosofia como pensar técnico e histórico a ser transmitido, para desenvolver a habilidade ou capacidade de pensar, conforme aos modelos históricos e comprometido com o processo de mercantilização da educação.

É com essa visão da presença da filosofia na escola que Kohan quer romper.

3.2 Os personagens da valoração afirmativa da infância

Heráclito e Sócrates (os inauguradores), Jacques Rancière e Gilles Deleuze (os críticos) são os personagens da segunda parte do livro, com os quais Kohan ensaia a ruptura com aquelas formas de se relacionar com a infância, fundadas nas idéias de infância como primeira etapa da vida e de desenvolvimento linear do humano

em direção à adultez, por um lado e, por outro, da criança como alguém que deve ser carregado pelo adulto para a emancipação.

Com Heráclito, Kohan procura colocar a filosofia na sua infância, no seu momento próprio, num sem futuro e sem passado, rompendo com a noção de continuidade e desenvolvimento linear. Heráclito teria sido o inaugurador de um pensamento que pensa o impensável, que espera o inesperado, que se abre à novidade e ao outro. Colocando Heráclito no seu contexto histórico, Kohan o faz falar como alguém voltado às questões da polis; como alguém que quer uma polis aberta, plural e inclusiva.

Sócrates simboliza, nas palavras de Kohan, *“o gesto político inaugural da filosofia e também o gesto afirmativo da pergunta como potência do pensar”* (p. 117). Em Sócrates a política da filosofia se diferencia da política dos políticos, na medida em que a última quer afirmar valores negando o outro (dogmática), enquanto a primeira quer perguntar e põe sob suspeita o que se afirma (crítica). A invenção dessa filosofia é a invenção de uma pedagogia cujo ponto de partida é o *perguntar*: uma atitude própria da infância; um querer saber que passa pelo cuidado de si, pelo auto-exame, pelo abandono das certezas, pela abertura para educar-se a si mesmo.

Com Rancière, Kohan busca problematizar as condições de possibilidade do aprender e do ensinar. Tomando o significado etimológico do ensinar (colocar um signo a ser seguido), Kohan nega a possibilidade de ensinar pela explicação, pois que essa hierarquiza e exclui o pensar por si mesmo. Nesse sentido o ensinar é partilhar, dar poder para que todos participem como iguais (com as mesmas condições intelectuais) para conhecer a partir de suas próprias experiências (aprender), o que pressupõe a valorização das respostas possíveis.

Colocando Deleuze em cena, Kohan faz do pensar uma experiência de criação. O pensar é encontro, um entre, um aberto, imprevisível. Na medida em que se coloca o pensamento sob métodos, técnicas e fins, temos um controle do pensar, o que seria incoerente com a idéia de pensamento crítico e criativo. O filosofar como pensar, então, não pode ser ensinado e aprendido, mas experienciado quando os participantes (professores e alunos) se colocam cada um entre os que estão se ensinando, se aprendendo e se encontrando.

Por fim, é da voz do personagem Giorgio Agamben que parte um conceito afirmativo de infância, na tentativa de inverter a tradição. Afirma Kohan, que a infância é condição da experiência, da linguagem e da historicidade humanas. É a criança que busca a linguagem para se afirmar a si mesma, quando ainda não a possui. Na medida em que a criança aprende a falar-se e ser falada, aí se funda, também, a historicidade. O autor acrescenta: *“Quando a criança é amiga da experiência, longe de ser uma fase a ser superada, ela se torna uma situação a ser estabelecida, atendida, alimentada, sem importar a idade da experiência”* (p. 244-5). Portanto, uma humanidade sem infância e sem uma primeira experiência, seria uma humanidade sem história, sem outras experiências possíveis.

A infância, assim, é conceituada como experiência imprevisível e inesperada. Uma experiência inaugural aberta à novidade, aberta à criação, **aberta à transformação**: de si mesmo e das relações que se estabelecem na experiência coletiva.

Para Kohan, essa conceituação da infância e da experiência da infância “*é a afirmação de uma política que se recusa a aceitar o que é, mas não postula um dever ser*” (p. 250), mantendo aberto o sentido das transformações e sonhando com a igualdade e a diferença, aqui colocados como condição da emancipação. De uma emancipação da infância pela infância, da filosofia e da educação pela infância.

4 Algumas dificuldades no encontro com o livro

Não se pode negar que o livro de Kohan é o provocativo, envolvente e que faz pensar. Por isso mesmo, algumas outras perguntas precisam ser feitas: 1) a abertura à novidade não será uma expectativa, um fim esperado para o exercício da filosofia?; 2) se for, pode-se dizer que Kohan opera a ruptura desejada?; 3) será que há possibilidade de evitar a moralização do pensamento, livrando-o de fins e normas?; 4) será possível propor uma política da infância sem pressupor uma concepção ontológica dela? 5) será o problema de Kohan diferente do problema de Platão?

[1] A experiência que movimenta o pensamento de Kohan é o Projeto “Filosofia na Escola”, que o autor coordenou na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília entre 1997 e 2001.

[2] Grifo meu.